



YOGA INTEGRAL DE PORTUGAL[®]

Newsletter nº 6

Fernando Cardoso é nosso professor de História de Arte Indiana no Master.

Este ano, com o Master adiado, pedimos-lhe que nos desse um pouco do muito que sabe sobre o tema para que os nossos leitores possam ganhar-lhe gosto e o explorem por conta própria.

Diplomado em História de Arte Indiana pela BHU (Universidade Hindu de Banaras), Índia.

Designer de comunicação e produtor de multimédia.



Um quase asana sobre arte indiana

Porquê uma yogini ou um yogin estudam história de arte indiana? Será que há um asana apropriado? Ou um pranayama prolongado para percorrer, de um só fôlego, os vários milénios propostos? Ou estiramentos para poder vislumbrar, longe, iconografias surpreendentes e, aparentemente, incompreensíveis? Ou basta meditar sobre a arte indiana que ela se descodificará?

Sri Aurobindo diz deste vosso yoga que *"...Todas as forças da consciência terrestre estabelecida e ignorante opõem-se a ele, afastam-no e tentam impedi-lo e o sâdhak perceberá que o seu próprio mental, a sua vida e o seu corpo estão cheios dos mais rebeldes obstáculos à realização deste objectivo"*. Lumières sur le Yoga, Sri Aurobindo Ashram

Iniciemos este sutra sobre a compreensão da cultura e da história da arte indianas. Os Yoga Sutra de Patanjali, textos compostos cerca do século II da era cristã resultam de uma compilação de tradições e de práticas bastante mais antigas. Os sutra, textos operativos, regras, aforismos, manuais de como fazer várias coisas da vida são sempre somatórios de várias camadas de copistas, tradições, incorporando novos ensinamentos.

Não nos esqueçamos que o material de escrita era muito perecível, folha de palmeira, e assim, periodicamente, eram copiados.

Assim na arte indiana, incorporação de novas tradições, novos ensinamentos, novas divindades, novas camadas. Começamos cerca de 3000 anos antes da nossa era e vamos saltando séculos.

O lugar é o **vale do rio Indus**, hoje no Paquistão.



Harappa, figura feminina (divindade?)

Ao longo deste rio e dos seus afluentes, cidades muito extensas, com uma vida intensa desenvolveram avançadas técnicas de planeamento urbano, aproveitamento da água e, ainda mais sofisticados objectos artísticos e ferramentas para os produzir.

A cultura do vale do Indus assenta em culturas anteriores e não foi destruída ou substituída, subitamente por outra.

Desagregou-se, progressivamente a partir de 1700 AC, devido a alterações climáticas.

Séculos mais tarde o Mahabharata, um dos grandes épicos indianos refere que o rio Saraswati, um dos afluentes do Indus, mudava constantemente de curso para acomodar a grande quantidade de sábios que queriam viver nas suas margens.

Damos um salto de alguns séculos para vos apresentar os construtores de grutas.

Os locais são **Ajanta e Ellora** no actual Maharashtra. Em Ajanta, a partir do século segundo AC e, em Ellora, 6 séculos mais tarde, uns alucinados monges budistas iniciam um trabalho hercúleo de começar a escavar uma montanha de pedra, ao longo de séculos, com ferramentas primitivas, para nela construir ou pintarem alguns dos lugares mais belos das artes. São pinturas da vida de Buda, esculturas das divindades hindus e jainistas, histórias mitológicas esculpidas na pedra seguindo a regra dos vashtu sutras, os manuais da arte de fazer arte. Como se bastasse retirar toneladas de pedra para ver a figura de Buda, de Durga ou de Vishnu que estariam, desde sempre, à espera de serem encontrados.



Bodisattva padmapani, Ajanta

Pallavas entre os séculos 3º e 9º da nossa era na actual região Tellugu e Tamil Nadu. Arquitectura de transição entre os templos escavados na rocha e erguidos em construção. Lutaram e perderam com os seus vizinhos do Sul os Cholas mas, entretanto, deixaram obra de grande qualidade artística como por exemplo os templos de Mahabalipuram perto de Chennai. Mitologia shivaíta, belos exemplos de escultura, rocha escavada junto ao mar. O monge chinês Xuangzang visitou Kanchipuram e reporta a existência de cerca de 100 mosteiros budistas na região.



Uma das 5 Ratnas (carro)



Durga Mahishasuramardini

Prossigamos nesta viagem no tempo. Quero levar-vos à cultura **Chola**, Tamil Nadu, entre os séculos 9 e 12 da nossa era. Os mais orgânicos bronzes do Mundo e uma das mais expressivas arquitecturas desta parte da Ásia. Lembro que foram os influenciadores da construção de Angkor Vat, no Camboja e Borobodur na Indonésia.

No actual Tamil Nadu vale a pena visitar Chidambaram, Tanjore e Gangaikondacholapuram. Imensos complexos arquitectónicos de pedra avermelhada onde é possível inventar histórias:



Bronze Chola



Um dos templos de Chidambaram

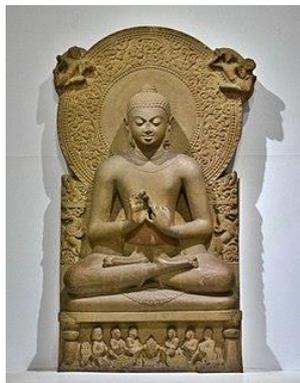
"A paisagem parou no meio da batalha do imperador Radja Radja com as tribos da montanha. A nuvem de poeira começava a assentar e no horizonte amarelo desenhava-se, lentamente, Gangaikondacholapuram. A sombra das acácias refazia-se no solo, a pedra do templo avermelhava a tarde. O imperador despiu a armadura surpreendido por não estar a ser assistido nesta operação pelos seus escravos ainda para mais tendo ganho, supunha ele, a batalha.

As pesadas peças de protecção do corpo, a espada e o elmo descansavam na poeira. Radja Radja, olhou em volta, chamou os capitães, os criados.

A voz ecoava na pedra de Gangaikonda juntamente com o coro desafinado de corvos e macacos. Percebeu que estava só e, que o templo que agora via, apenas o tinha imaginado antes da batalha, não podia estar ali. Contornou a pedra, subiu os degraus, confrontou-se com Surya e Vishnu nas paredes laterais do templo. Voltou a chamar os seus capitães e gritou bem alto pelos criados, mas nada. A voz reverberava nas pedras como um mantra infinito e recorrente. Radja Radja sentou-se e resolveu meditar como lhe tinha ensinado o seu mais querido mestre. Concentrou-se na respiração e no mantra, inspirou, expirou, inspirou...a batalha estava brava, o suor toldava-lhe a visão. Conseguiu apenas adivinhar o silvo de uma flecha e uma dor lancinante atravessou-lhe a garganta impedindo-o de gritar. Os olhos pararam a paisagem e o silêncio invadiu os horizontes de Gangaikonda enquanto a pedra vermelha se desfazia em pó lento e inexorável e as estátuas desapareciam diante dos olhos já líquidos do imperador. Anos mais tarde iniciou-se a difícil e demorada construção de Gangaikondacholapuram. Várias equipas de canteiros abandonaram o local ao longo dos anos, em fuga aterrorizada. Diziam ouvir mantras dentro das pedras e uma respiração cadenciada como a de quem medita."

Bodh Gaya, lugar da iluminação de Sidartha Gautama, o Buda, dista 240 Km de **Sarnath**, local do seu primeiro sermão. Aqui, a escultura produzida pela escola de Sarnath do período Gupta no século V DC, deixa-nos penetrar no arenito amarelado e doce, podemos sentir a meditação e a compaixão na forma e no silêncio das peças. É um estilo depurado sem elementos estrangeiros, os tecidos são transparentes, as posturas ióguicas, tudo está em suspensão.

Como se fôssemos alunos deste mestre, apetece-nos sentar em padmasana e acompanhar os primeiros movimentos da roda dos ensinamentos que emanam da Dharma Chakra Mudra.



Buda século V Museu de Sarnath

Concluo esta pequena peregrinação pela via do turbilhão, **Vajrayana**, uma das doutrinas budistas mais fecundas em termos artísticos e rituais. Deixo-vos com Akshobhyavajra Guhyasamaja*, sensualidade e simbolismo neste bronze tibetano do século XVIII.



Nota - Akshobhyavajra Guhyasamaja Description: "...with a body blue in colour like sapphire, issuing forth rays of blazing light. The main face is blue with a mixed expression of fierceness and desire. The canine teeth are pointed and clenched, frowning and having three eyes. The right face is white in a peaceful manner, left face is red in a desirous manner. All three faces are adorned with very beautiful eyebrows. Each of the six hands are adorned with precious rings. The first two hands hold a nine pointed vajra and a bell embracing the consort [who is in] the same [appearance] as the [Father]. The right second [hand] holds a white wheel with eight spokes. The third [hand] holds a red lotus with eight petals. The left second [hand] holds a green jewel with nine facets. The third [hand] holds a sword, bright blue and blazing with rays of light. Seated with the legs in vajra posture, adorned with the thirty-two major and eighty minor marks, the hair, in braids, is tied on the crown of the head. The jewel on the crown of the head greatly blazes with soothing rays of light [like] the sun and moon. Adorned with eight [different types] of precious ornaments: a crown, earrings, choker, necklace, armlets, bracelets, long necklace and belt. The ears are made more

beautiful with blue utpalas and ribbons; wearing various [heavenly] garments
bright like Indra's bow [rainbow]." (Jamgon Amezhab, 1597-1659).